

QUATRO POETAS

Esquete de
**WILLIAM
MENDONÇA**₅



QUATRO POETAS

de William Mendonça

Esquete teatral de William Mendonça, baseada
em poemas de Augusto dos Anjos, Cecília Meireles,
Fernando Pessoa e Florbela Espanca.

Estréia em 1996, na Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres - Itaboraí - RJ

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)

Quatro Poetas

Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques

34p.; 12 x12 cm

1 - Teatro, Esquete

Publicado no site do autor em 06/08/2011
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br

QUATRO POETAS

ÍNDICE

5 - Sobre o texto

7 - QUATRO POETAS

28 - Apêndice - Sobre os poetas

30 - Ficha técnica da 1ª montagem

31 - Sobre o autor

SOBRE O TEXTO

4 POETAS

Um encontro entre quatro poetas mortos, em algum lugar indefinido no espaço-tempo, uma dimensão que uns diriam espiritual, outros onírica. Esta é a premissa de “Quatro Poetas”, esquete teatral composta por William Mendonça a partir de poemas de Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Fernando Pessoa e Florbela Espanca. A idéia foi a de confrontar estilos, filosofias e experiências de vida muito diferentes, em um recital.

A primeira montagem, em 1996, aconteceu no espaço intimista da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres, em Itaboraí-RJ, com os atores em meio ao público. A força dos versos dos poetas, caracterizados em cena e tão próximos de quem assiste, ganha um efeito surpreendente. Quando apresentada para jovens estudantes, faz com que aquele algo estranho chamado Poesia ganhe um significado diferente.

*Dedico aos colegas e professores da
Oficina de Formação de Atores
do Teatro Municipal João Caetano de Itaboraí -RJ*

*Aos colegas de elenco,
Virgínia Gomes (Fernando Pessoa),
Alessandra Santos (Florbelá Espanca)
e Valda Cruz (Cecília Meireles).*

*Aos amigos Zeca Palácio, que auxiliou na direção,
e Max Gouveia (in memorian), na caracterização dos
personagens e maquiagem dos atores.*

*Ao pessoal da Casa de Cultura
Heloísa Alberto Torres pelo apoio*

QUATRO POETAS

Roteiro e texto incidental, sobre
poemas, frases e
pensamentos dos poetas
por **William Mendonça**

Personagens:

Augusto dos Anjos

Fernando Pessoa

Florbela Espanca

Cecília Meireles (**ver apêndice**)

(Taberna do início do século. Dois poetas, trajados elegantemente, aguardam a chegada de duas amigas. Augusto e Pessoa bebem vinho - o primeiro tenso, e o outro pensativo)

PESSOA: Augusto...

AUGUSTO: O quê?

PESSOA: ... Você já pensou sobre a origem da poesia?

AUGUSTO: Não... Ocupo-me sempre do fim das coisas, poeta. É o meu ofício...

PESSOA: Pois eu penso nas origens... Meu senso íntimo predomina de tal modo sobre meus cinco sentidos que vejo coisas nesta vida, creio, de modo diferente do que os outros homens...

AUGUSTO: É provável. Você me vê, conversa comigo, e sei que sou nada. Talvez nem esteja aqui, neste encontro impossível.

PESSOA: Ora, meu caro, impossível apenas para os que não deliram! (levanta-se) Enquanto aguardamos nossas amigas, que tal um duelo?

AUGUSTO: Não, não sou dado a essas disputas. Sou um poeta solitário, Pessoa.

PESSOA: Augusto, um homem com gênio desconhecido pode, pelo menos, medir o seu valor com a sua melhor medida, que é ele próprio.

AUGUSTO: Pois se a minha medida é o que sou, é muito pouco (levanta-se)

“Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro desde a epigênese da infância
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Esse ambiente me causa repugnância...

Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - esse operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los
E há de deixar-me apenas os cabelos,
na frialdade inorgânica da terra!

PESSOA: Você me espanta com tanta dor, e tanta ciência! Você sabe, que sua poesia foi, e ainda é incompreendida, por causa da sua linguagem ...

AUGUSTO: Sei, sei... (escorrega pela cadeira) Fui ridicularizado pelos grandes poetas da época. Era inevitável.

PESSOA: Mas você, Augusto, sobreviveu a isso. Todo mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros - quer para fazer bem, quer para fazer mal. Aliás, lembro-me de outro poema seu...

AUGUSTO: Posso até adivinhar. É bem apropriado:

“Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável.

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija.

PESSOA: Você há de convir que... é um pouco forte!

AUGUSTO: A Poesia, Pessoa, tem que ser forte - senão ninguém a escuta.

PESSOA: Às vezes me pergunto se tudo isso não seria uma máscara para esconder sua verdadeira poesia...

AUGUSTO: (indignado) De modo algum! Pessoa, eu sou aquele que ficou sozinho, cantando sobre os ossos do caminho, a poesia de tudo quanto é morto! Apenas isto ...

PESSOA: Ora, meu caro...

“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente

E os que lêem o que escreve
Na dor lida sentem bem,.
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm

E assim, nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

AUGUSTO: (entrando no jogo) Mas vem você, justo você, Fernando Pessoa, me falar em máscara. Você que escreveu por trás de outras personalidades.

PESSOA: Mas sempre fui eu mesmo, no dia-a-dia. A Poesia é isso - nossa realidade é o que não conseguimos nunca. Eu nunca consegui ser um só...

AUGUSTO: (oferecendo vinho) Outra caneca?

FLORBELA: (entrando, decidida) Guarde uma para mim! Na caneca, o vinho iguala-se à paixão, sempre prestes a transbordar.

PESSOA: (indo recebê-la) Florbela! (faz um sinal para que se sente. Puxa a cadeira. Augusto faz uma reverência) Veio, finalmente, juntar-se a esses dois inconstantes...

FLORBELA: Amigos, poetas e amigos - que descobri aqui. (fica pensativa) E Cecília, ainda não chegou?

AUGUSTO: Vem por aí, não tarda.

FLORBELA: Queria ter tido a serenidade dela. Mas fiz tantas loucuras! Perdi o rumo tantas vezes que não sei como cheguei aqui.

PESSOA: Pelas mãos da poesia...

FLORBELA: Mas os sentimentos de antes ainda estão em mim (Augusto serve o vinho). Há em mim uma sede de infinito, uma angústia

constantes que eu nem mesmo compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; (levanta a caneca, como num brinde, e toma um gole) Sou, antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que tem saudades ... sei lá de quê!

AUGUSTO: (recostando-se) Compreendo bem o que você diz. Às vezes sinto essa ânsia de ser tudo, mas não me movo.

FLORBELA: Ah! Mas o que me move é a paixão! (empolga-se) A paixão me levou a mundos incontáveis.

PESSOA: (aproxima-se de Florbela)

“Bocas roxas de vinho,
Testas brancas sob rosas,
Nus, brancos antebraços
Deixados sobre a mesa;

Tal seja, “Florbela”, o quadro
Em que fiquemos, mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida
Como os homens a vivem,

Cheia de negra poeira
Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem
Com seu exemplo aqueles
Que nada mais pretendem
Que ir no rio das coisas

FLORBELA: Ir no rio da paixão...

AUGUSTO: (ironiza) Paixão?! Vocês falam de amor, eu ouço tudo e calo ... mas garanto: o amor da humanidade é uma mentira!

PESSOA: Está certo que não tive lá muita sorte no amor, mas não vejo motivo para tanta amargura. Uma vez amei, julguei que me amariam, mas não fui amado ... E não fui amado pela única grande razão: porque não tinha que ser.

FLORBELA: E eu não me arrependo de ter vivido uma vida de paixões - porque elas foram intensas. E se assim não fosse, não seriam paixões verdadeiras ...

“Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada, assim, enlouquecida...
Passo no mundo, meu amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história, tantas vezes lida!

(Cecília chega, para à porta e observa. Florbela não nota, e continua)

“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

De olhos postos em ti, digo de rastros:
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como um deus: princípio e fim!...”

CECÍLIA: Sim, tudo no mundo é frágil - menos a poesia, que não passa
...

FLORBELA: (virando-se) Amiga Cecília - estava faltando a sua
sabedoria nesta conversa.

PESSOA: (indo recebê-la) Chegou em boa hora!

CECÍLIA: Mas prefiro ouvir um pouco mais sobre a “paixão”. Fale para
mim...

FLORBELA: Falar!? ... (começa a falar o poema, como se conversasse com os outros)

... “Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

(volta-se para o público. Cecília senta-se)

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

CECÍLIA: A cada vez mais creio que todos padecem, se são poetas...

AUGUSTO: (pensativo) Por falar nisso, Cecília, você que sempre percebeu o lado filosófico das coisas, me diga - por que nós, poetas, entramos neste túnel vazio e sem volta chamado morte, mas não passamos? Por que não nos deixam cair no esquecimento?

CECÍLIA: Talvez porque, Augusto, a poesia seja nosso passaporte para a eternidade! A poesia é o grito, com toda a sua força, transfigurado ...

AUGUSTO: (toma outro gole) Mas eu vivi cheio da certeza de que passaria, com a morte ...

CECÍLIA: As certezas nunca valeram a pena, Augusto. As dúvidas é que sempre moveram o mundo. Mudamos a cada dia - nem mesmo a nossa imagem no espelho é uma certeza...

“Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

FLORBELA: Você sempre me pareceu tão segura. Sem dúvidas.

CECÍLIA: Sem dúvidas!? Talvez porque, de todos nós, fui a que viveu mais anos, tenha entendido melhor a ação do tempo sobre as certezas humanas... Afinal, de que são feitos os dias?
- De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças ...

FLORBELA: E para que ter certezas? Elas são o contrário da vida. Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não aquecem; as águas estagnadas cheiram mal ...

PESSOA: Quem pode afirmar que tem certeza de alguma coisa? Eu sequer tenho certeza de mim mesmo. Tenho mais almas que uma. Há mais “eus” do que eu mesmo. E, ainda assim, existo, indiferente a todos ...

CECÍLIA: Em toda a minha vida, nunca me esforcei por ganhar, nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento da minha personalidade ...

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa rimada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.”

PESSOA: Vida de poeta ... nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água, de uma religião universal que só os
homens não têm. Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma, nem procurei
achar nada.

FLORBELA: E eu sempre pensei: “que importa o que está para além? Seja o que for, será melhor do que o mundo? ... Que importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida, se há a morte?” Agora sei que nada disso, nada mesmo, importa.

AUGUSTO: Ora, ora ... e não estamos todos mortos agora?

FLORBELA: Não ... São mortos os que nunca acreditaram que a vida é somente uma passagem ... Não morro enquanto não morrerem as coisas que fiz, as minhas lembranças ... Será que você ainda não se convenceu disso?...

AUGUSTO: Minhas lembranças, Florbela ... essas morreram antes de mim. Sei que durante toda a travessia da minha infância vivia, assim, como uma casa abandonada. Sei que na infância nunca tive auroras, e afora disto, eu já não sei mais nada.

CECÍLIA: Meu amigo poeta, só por estarmos todos juntos aqui, agora, é claro que a morte não é o fim - é só outro estágio da vida. Cecília: Às vezes sinto a presença de tanta gente que deixei pelo caminho. Vejo asas, sinto os passos dos meus anjos e palhaços. Murmuro para mim mesma: “É tudo imaginação”, mas sei que é tudo memória. E se você apagou suas lembranças, sempre terá seus sonhos ...

AUGUSTO: Esses eu também não tenho mais ...

“Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas,
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.

Com os velhos templários medievais
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos ...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

PESSOA: Mas então, homem, o que te restou?

AUGUSTO: (em dúvida) Ahn!... A consciência, talvez. (dá o braço a torcer) Ah! Por menos que aceite, eu ainda existo!

PESSOA: Pois é este o ponto!

“O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam
delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.”

AUGUSTO: Tudo bem... eu admito: a morte acabou não sendo o fim de tudo. Mas o amor, o “sentimento humano” (ironiza), esse é uma insanidade. Só é possível de uma caveira para outra caveira!.

FLORBELA: Você é incorrigível!

CECÍLIA: Acho que você, Augusto, apenas não percebeu que o amor estava à sua volta - porque o que amamos parece sempre estar longe de nós. Você nunca escreveu uma carta de amor?

AUGUSTO: Não! Se escrevi, não me recordo ...

FLORBELA: Pois as minhas cartas de amor - minha “muitas” cartas de amor - não foram mais do que a realização de fazer frases. Ridículas.

PESSOA: Ora, Florbela. Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Também escrevi em meu tempo cartas de amor, como as outras: ridículas. Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. (olha, irônico, para Augusto)

AUGUSTO: Sempre jogando com as palavras, Pessoa ... Ou deveria dizer Álvaro de Campos?

PESSOA: (divertindo-se) A-ha! Enfim um duelo!

FLORBELA: Agora temos todo o tempo do mundo para isso! ...

CECÍLIA: (aparteando) Até uma nova vida ...

PESSOA: (novamente pensativo) É... Uma nova vida, que nos espera. Você, Florbela. Em uma nova vida, quem seria?

FLORBELA: Gostaria de endoidecer. Não saberia sequer que os meus sonhos eram sonhos: o mundo, para mim, estaria todo povoado de verdades - porque eu sempre tive pela mentira um horror quase físico. Cóleras, pavores, lágrimas, gargalhadas, tudo isso seria realmente meu! (outro tom) Ou...

AUGUSTO: Ou o quê?

FLORBELA: Ou poderia

“Ser a moça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sobre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho ...
Com o luar matar a sede do gado,
Das às pombas o sol num grão de milho ...

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à “terra da verdade”...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.”

AUGUSTO: Sinceramente, eu duvido.

FLORBELA: (rindo) Eu também!

CECÍLIA: E você pessoa, quem seria?

PESSOA: Muitos, é claro. Várias vidas, várias mentes em um só corpo. Sempre fui assim. Logo que nasci, fecharam-me em mim - Ah! mas eu fugi! Agora minha alma me procura ... Oxalá que ela nunca me encontre!

FLORBELA: Augusto, você eu posso adivinhar: em outra vida, seria “uma singularíssima pessoa”, mas desta vez um poeta-jardineiro, para fazer poesia com a vida, e não com a morte!

AUGUSTO: (abre um leve sorriso, finalmente) Pode ser. Afinal, agora tenho a fórmula de todos os destinos - posso ser quem eu quiser.

PESSOA: (para Cecília) Agora só falta você ...

CECÍLIA: Eu passaria a vida viajando - adoro viajar. Viagem para mim é um alargamento do horizonte humano. Conhecer novas pessoas e esse mundo que sobrevive a tudo e sempre nos reserva surpresas.

“Uma vida cantada me rodeia.
Mas pergunto-me até onde me alcança
o canto que me envolve e me protege.

Qual será o meu destino verdadeiro?
De onde vem nossa morte? E que sentido
tem o desejo de sustentar a vida?

E que vida oferece a voz que canta?
Por que roubar à sorte do silêncio
o naufrago, entre mil, que em nós levamos?

Casualidade humana obscura e incerta...
Quem fomos? Quem seríamos? Quem somos
se o canto nos envolve e rasga o tempo

e - em que hora isenta? - nos deixa à salvo.

PESSOA: (num sobressalto) E ficamos nós aqui, perdidos em uma longa conversa de poetas ... E estes que nos ouvem? (aponta para o público)

FLORBELA: Da poesia, eles entendem e reconhecem aquilo que realmente importa: a emoção.

AUGUSTO: E isso é o que basta! (ergue um brinde) A uma nova vida!

TODOS: (brindam) À vida!

(Black-out. Fim.)

APÊNDICE

SOBRE OS POETAS

Os quatro poetas foram escolhidos para esta esquete por possuírem particularidades em sua poesia - Augusto chocava com seu vocabulário pesado e científico; Pessoa encarnava múltiplas personalidades ao escrever; Florbela viveu intensamente e passou isto para sua poesia; Cecília teve uma vida de perdas, por isso pôde “filosofar” sobre a verdade da vida.

Dois portugueses, dois brasileiros. Não são conhecidos do público com a mesma intensidade - Augusto é amado por muitos, odiado por outros; Pessoa tem trechos complexos; Florbela não chegou ao domínio do grande público brasileiro, a não ser pelas músicas FANATISMO e FUMO, de Raimundo Fagner; Cecília foi neo-simbolista, e se colocou contra a corrente destrutiva - “autofagia” - do modernismo.

Cada um pode, também, representar um dos quatro elementos: Augusto a Terra (taurino, do primeiro dia); Pessoa o Ar (geminiano típico); Florbela o Fogo (sagitariana intensa); e Cecília a Água (uma observadora e misteriosa escorpiana). Essa energia “elemental” paira em suas obras poéticas.

AUGUSTO Carvalho Rodrigues **DOS ANJOS** nasceu no Engenho Pau-d’Arco, na Paraíba, a 20 de abril de 1884 - vindo de uma família de proprietários rurais que entrava em decadência. Professor e jurista, compôs, em seu isolamento das correntes literárias dos grandes centros,

uma obra alheia a todos os “ismos”, misturando a formalidade parnasiana com a estética moderna e o realismo. Morreu em 12 de novembro de 1914, em decorrência de fortíssima gripe, depois de uma vida difícil e da perda, traumática, de seu primeiro filho, nascido morto.

FERNANDO Antonio Nogueira **PESSOA** nasceu a 13 de junho de 1888, em Lisboa, Portugal. Durante a infância e adolescência, viajou muito, indo morar em outros países. Dominava a língua inglesa, educado que foi em escolas inglesas e irlandesas em colônias da África. Sua poesia traz a marca da multiplicidade - com seus heterônimos famosos: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis... Morre a 30 de novembro de 1935, em decorrência de problemas hepáticos.

FLORBELA D’Alma da Conceição **ESPANCA** nasceu em 8 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa, Portugal. Teve uma vida atribulada, de casos de amor tórridos, e amargou, em vida, o não reconhecimento de sua poesia. Apaixonada e intensa, passava por sérias crises nervosas e viveu afastada da família por longo tempo. A morte de seu irmão e grande amigo Apeles, foi para ela um trauma, do qual nunca se recuperou. Suicidou-se em 8 de dezembro de 1930.

CECÍLIA Benevides de Carvalho **MEIRELES**, nasceu a 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. Órfã de pai e mãe desde os três primeiros anos de idade, foi criada pela avó materna. Integrou o movimento neo-simbolista e fez uma poesia de raízes filosóficas e místicas. Lecionou literatura até a sua morte, em 9 de novembro de 1964.

FICHA TÉCNICA (1ª montagem)

REALIZAÇÃO:

Cia. de Teatro Reverso do Avesso, de Itaboraí - RJ

ELENCO:

Alessandra Santos (Florbela Espanca)

Nina Gomes (Fernando Pessoa)

Valda Cruz (Cecília Meireles)

William Mendonça (Augusto dos Anjos)

TEXTO:

William Mendonça (Roteiro e diálogos)

POEMAS:

Augusto dos Anjos

(“Psicologia de um vencido”, “Versos íntimos” e “Iconoclastia)

Fernando Pessoa

(“Autopsicografia”, “Odes de Ricardo Reis” - trecho - e

“O mistério das Cousas, onde está ele?”)

Florbela Espanca

(“Fanatismo”, “Amar” e “Rústica”)

Cecília Meireles

(“Retrato”, “Motivo” e “Uma vida cantada me rodeia”)

DIREÇÃO:

William Mendonça

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas

também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 22 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - é diretor do jornal O VERBO, que circula em Tanguá e Itaboraí. Mantém em atividade desde 2006 o site www.williammendonca.com.

QUATRO POETAS

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 06/08/2011
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br